



**WORKSHOP ON UN PROTECTION
OF CIVILIANS TRAINING
6th IBSA JOINT WORKING
GROUP MEETING
2014**



**21 to 25 July
Itaipava - Rio de Janeiro**



**Workshop sobre Treinamento para Proteção de Civis da ONU para a 6ª Reunião
de Grupo de Trabalho Conjunto do IBAS
Rio de Janeiro, 21-25 de julho de 2014**

1. Escopo

O Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) conduziu um workshop sobre Treinamento para Proteções de Civis (POC) da ONU para membros selecionados do Fórum IBAS. O CCOPAB organizou todos os preparativos administrativos e relativos ao treinamento para o encontro que ocorreu de 21 a 25 de julho de 2014 no Centro General Ernani Ayrosa (CGEA) em Itaipava, Rio de Janeiro, Brasil.

2. Finalidade

A finalidade do workshop era atualizar os participantes com as diferentes visões sobre Proteção de Civis aplicadas às Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas e discutir tópicos relevantes relacionados ao treinamento e implementação dos mandatos de POC.

3. Histórico

Atualmente, as missões multidimensionais de manutenção da paz da ONU possuem mandatos fortes sobre proteção de civis sob o Capítulo VII que permite uma melhor coordenação entre os componentes da missão e respostas de proteção mais oportunas e precisas. Missões, como a MINUSTAH, MONUSCO, UNAMID e UNMISS, para mencionar algumas, tem a POC como a missão central do mandato. O Brasil fez a proposta e Índia e África do Sul aceitaram prontamente POC como o tema central do workshop para o fórum de 2014, assegurando a relevância da discussão para os três países que desdobram em operações de manutenção da paz da ONU com mandatos focados em POC.

4. Descrição das sessões principais

4.1. Bloco 1: Conceitos sobre Proteção de Civis

22 de julho de 2014

4.1.1: Introdução à POC: o conceito do DPKO

Durante a primeira palestra, o Cel Ricardo VENDRAMIN, comandante do CCOPAB, apresentou a visão do Departamento de Operações de Manutenção da Paz sobre POC e o mandato inovador da Força da Brigada de Intervenção (FIB) da MONUSCO. Ao final, o palestrante explicou os conceitos ao redor do Conceito Operacional do DPKO sobre a POC, a estratégia da POC na missão, os atores e as consequências em caso de falhas na proteção de civis. A sessão terminou assinalando o mandato da FIB, suas possibilidades e os sucessos atuais no campo, o uso de tecnologia moderna e o imperativo de operações direcionadas pela inteligência para proteger civis.

4.1.2: Visão humanitária sobre OMP lideradas pelo DPKO

A sra. GISELLE Arcoverde, da UNESCO, palestrou sobre a visão humanitária da POC. Ela enfatizou a perspectiva humanitária do que é POC e seus objetivos no contexto de OMP da ONU, mostrando alguns exemplos de interações positivas entre agências humanitárias e OMP, além de alguns desafios e dilemas encontrados na interação e coordenação com OMP em POC.

A Sra. GISELLE enfatizou que as agências civis não possuem um mandato para seguir, e que por essa razão, eles vêm e vão quando eles querem, diferente dos militares, que precisam estar empregados durante todo o tempo do mandato. Ela explicou que as Agências Humanitárias devem prestar atenção ao que a população precisa, e não ao que as agências podem dar, está é a razão pela qual você deve ouvir à população.

4.2. Bloco 2: Experiências em atividades de POC

4.2.1: A experiência da Índia em POC dentro de OMP da ONU

Cel MURUGESAN, em sua apresentação sobre as perspectivas da Índia sobre POC, enfatizou alguns dilemas e desafios da POC, incluindo mobilidade, o conceito de PPP (Presença, Postura e Perfil), o treinamento de pré-desdobramento, as atividades de inteligência, a comunicação entre militares e civis e as relações civis-militares. O coronel enfatizou o emprego de combate padrão, que é um recurso quando o *Force Commander* quer empregar suas tropas com suas capacidades máximas, dependendo do nível de segurança. Ele também disse que um dos maiores desafios na RDC é que cada soldado é responsável por patrulhar 15 km² por dia. A única maneira de conseguir isso é tendo grande mobilidade. Além disso, as tropas militares devem ter presença, postura e perfil. Em sua opinião, outro ponto importante é comunicações. Não apenas a transmissão rádio, mas a maneira como falamos com a comunidade sobre seus problemas e como podemos ajudá-los.

4.2.2: A experiência da África do Sul em POC dentro de OMP da ONU

Cel NOMPETSHENI, chefe da delegação da África do Sul, explicou a experiência sul-africana sobre as atividades de POC dentro de OMP da ONU.

Durante sua apresentação, ele mencionou a importância de um assessor de POC em uma missão da ONU. Em países onde o governo do país anfitrião não mostra boa vontade em relação à presença da ONU, torna a vida dos *peacekeepers* muito difícil.

4.2.3: A experiência do Brasil em POC dentro de OMP da ONU

Ten Cel NEGREIROS, da delegação do Brasil, apresentou como realizar POC em um ambiente de pobreza e com tendências a sofrer desastres naturais, tal como o Haiti. Seus objetivos eram mostrar por que razão a POC é importante para a MINUSTAH e apresentar à audiência as principais atividades do Brasil relacionadas à POC na MINUSTAH.

23 de julho de 2014

4.2.4: Proteção de crianças e sensibilidades culturais em missão de POC

Ten Cel AJAY, da delegação da Índia, apresentou o assunto Proteção de Crianças e sensibilidades culturais em missões com POC. Ele apresentou os módulos da ONU sobre Proteção de Crianças (o impacto do conflito armado nas crianças, as estruturas para proteção de crianças como aplicadas aos *peacekeepers* militares, a interação com crianças, a coordenação dentro da missão e com atores externos de proteção de crianças, os papéis dos militares e as tarefas relacionadas à proteção de crianças. Ele enfatizou os aspectos culturais na proteção de crianças.

4.3. Bloco 3: Pedidos e discussão dos grupos de trabalho sobre apoio à POC

Assunto 1: Inteligência, compartilhamento de informações e mobilidade para apoiar POC

Ten Cel MPEKA, da delegação da África do Sul, apresentou o assunto 1 – Inteligência, compartilhamento de informações e mobilidade no apoio à POC. Durante sua apresentação, ele enfatizou as várias maneiras de obter informação em um ambiente de POC, incluindo radares, Aeronave Remotamente Pilotada (ARP) e o diálogo entre agências da ONU, ONG e os militares.

Em seguida, houve uma discussão em grupos e cada grupo apresentou sua solução a essas perguntas:

Pedido 1. Combinando as experiências individuais do grupo de trabalho, como você vê as presentes estruturas das missões do JMAC e do JOC? O QG da Força consegue operar bem sob o modelo corrente?

Os grupos disseram que JMAC tem um papel vital na disseminação de informação ao J3, JOC, etc. O JMAC é formado por equipes multidisciplinares e provou que tem valor ao longo dos anos. Por outro lado, informações vindas do JMAC e do JOC, por vezes, não fluem até o nível batalhão, principalmente a inteligência pertinente à situação política. Como sugestão, membros de grandes TCC/PCC deveriam ter representantes no JMAC/JOC.

Pedido 2. Os meios de inteligência trazidos pelos TCC e disponibilizados pelas missões são suficientes para realizar coleta, análise e compartilhamento de informação oportunos para os propósitos da POC?

Durante as discussões, os grupos disseram que o MOU assinado entre a ONU e os TCC não fornece nenhum equipamento para coleta de inteligência, sendo insuficiente para o propósito da POC. Uma OMP depende muito da observação de eventos através dos observadores militares e os elementos da Força, incluindo unidades móveis, postos de observação, reconhecimento aéreo e grande espectro de aparelhos de vigilância, mas atualmente, não são suficientes. Os TCC possuem apenas a capacidade de compartilhar informações e a disseminação da informação encontra a barreira linguística.

Pedido 3. Como os batalhões de infantaria e outras unidades lidam com compartilhamento de informações com parceiros que não fazem parte da missão, tais como agências da ONU e ONG?

Os grupos disseram que as unidades coletam informações de várias maneiras (líderes locais, comunidades, etc), mas que não necessariamente as dividem com outros, devido às suas posturas e o comprometimento da missão. É mais fácil compartilhar informações com as agências e lideranças locais da ONU.

Pedido 4. Como você percebe a crescente inclusão de tecnologia moderna (radares, VANT, etc)? Há limitações para seu emprego em manutenção da paz?

Os grupos disseram que o relatório Brahimi declara que a tecnologia da informação é um facilitador chave de muitos dos objetivos, mas que brechas na estratégia, política e prática impedem seu uso efetivo. Métodos de alta tecnologia para coleta de inteligência atraem atenção considerável e não capturam atitudes, emoções e identidades locais. Eles precisam da colaboração da inteligência humana. ARP em florestas tropicais são ineficazes – somente são úteis quando não há vegetação. Nas fronteiras, eles violam a privacidade das fronteiras de outros países que fazem fronteira com o país anfitrião.

Pedido 5. Mobilidade é essencial para proteger os civis. Quais são as suas considerações sobre o emprego de helicópteros em intervenções militares com POC?

De acordo com os grupos, é necessário o treinamento adequado não só para as tropas, mas também para os civis. O emprego de helicópteros é crítico, mas algumas considerações devem ser levadas em conta, por exemplo, o terreno, disponibilidade e operacionalidade, nível de risco, levantamento estratégico e a urgência da tarefa.

A ONU deve pensar sobre o uso de meios aéreos entre as missões, o caso em questão é a UNMISS que não tinha os meios aéreos quando queria. Esses meios poderiam ter sido trazidos da MONUSCO e vice-versa.

Pedido 6. Quais são as visões sobre mobilidade em terra em relação ao ambiente operacional e os batalhões de infantaria padrões da ONU?

Os grupos discutiram e disseram que a mobilidade em terra é limitada pelo terreno e pelas condições ambientais. Os batalhões de infantaria devem responder aos requisitos da força da missão. Mobilidade em terra é apenas para veículos leves, não para os pesados. De fato, em toda a RDC e no Sudão do Sul, não há praticamente nenhuma rua pavimentada.

Como parte da capacitação, a ONU poderia pensar em fazer estradas que ligam centros de comunicação importantes. Durante a discussão, o Major SEREJO disse que há problemas em construir estradas utilizando o QIP porque é muito caro para as tropas e há outras células dentro da ONU que podem ter mais dinheiro para fazê-lo.

4.4. Bloco 4: Treinamento de pré-desdobramento sobre POC

4.4.1: O treinamento sul-africano de pré-desdobramento sobre POC

Durante a apresentação da Cel BOER, da delegação sul-africana, ela mencionou a importância de preparar os militares em DICA, na área linguística, na consciência de gênero e, principalmente, para manter o espírito de corpo das tropas.

Os sul-africanos têm 6 meses anteriores ao desdobramento, quando começa, então, o treinamento de pré-desdobramento em todos seus aspectos. O serviço e as divisões começam com o treinamento para prontidão de combate em suas respectivas instalações de treinamento. Esta fase é conhecida como a preparação da Força, e um mês antes do desdobramento, eles têm treinamento para prontidão da missão no centro de mobilização em Bloemfontein.

O treinamento indiano de pré-desdobramento sobre POC

Col MURUGESAN explicou a importância da POC no seu país e nas Forças Armadas indianas. O processo começa em uma indicação com base na experiência e unidades. Depois disso, começa um treinamento prévio com base no POP de treinamento. Em uma terceira etapa, os contingentes se concentram em Delhi de 3-4 meses antes da missão para ter um treinamento pré-*induction* orientado e, por fim, há um treinamento durante a missão, no nível subunidade na área da missão, coordenado pelo QG da Força/Setor. Ele disse que os militares não devem ter vergonha de usar a força porque é a nossa tarefa em terra.

O treinamento brasileiro de pré-desdobramento sobre POC

Ten Cel NEGREIROS explicou como funciona o treinamento de pré-desdobramento brasileiro. O Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil usa a metodologia de “treinando os treinadores”. No caso dos contingentes militares, o Centro recebe oficiais e os apresenta às principais atividades que eles irão enfrentar no terreno, e em seguida, os oficiais voltam às suas unidades e repassam as informações a seus subordinados.

Em missões individuais, o *e-learning* é utilizado. Seguido de um curso de 4 semanas no Centro em um curso integrado (Estado Maior, polícia e observador militar).

24 de julho de 14

4.5 Bloco 5: Pedidos e discussão do grupo de trabalho sobre Treinamento e Avaliação

Treinamento durante a missão e Avaliação de desempenho

Ten Cel GRINEBERG, Subcomandante do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil, apresentou o assunto 2 – treinamento durante a missão e avaliação de desempenho. Durante sua apresentação, os objetivos seriam trazer à tona experiências

individuais e nacionais nos treinamentos durante a missão e avaliação de desempenho e analisar como os sistemas e estruturas de avaliação nacional reforçam e corrigem o treinamento e o desempenho em OMP da ONU.

Em seguida, há uma discussão em grupo e cada grupo apresentou suas soluções a esses questionamentos:

Pedido 1. Como as missões de campo deveriam verificar se indivíduos desdobrados e unidades receberam o treinamento de pré-desdobramento e se estão preparados para desempenhar conforme exigido?

Os grupos disseram que o TCC é responsável pelas avaliações e pode certificar se os indivíduos estão prontos para o combate e possuem as competências para executar suas tarefas dentro de suas áreas de responsabilidade, e que há uma reciclagem durante a missão abordando necessidades específicas. A equipe de avaliação da ONU ou a Equipe de Inspeção de Prontidão Operacional deveria medir o desempenho durante todo o período e reportar ao TCC.

Pedido 2. Quais seriam os mecanismos eficientes nacionalmente estabelecidos para avaliar o desempenho no campo?

Segundo o grupo, o TCC envia documentos de avaliação ao chefe direto para avaliar o desempenho em campo. Em seguida, as lacunas são identificadas e medidas necessárias tomadas. Depois disso, equipes de avaliação/verificação viajam para medir o desempenho e um relatório é desenvolvido (lições aprendidas). Um novo *design* e desenvolvimento de treinamento são executados para fornecer uma estrutura para definir a qualidade do soldado.

Pedido 3. Quais são os seus pontos de vista sobre um sistema de lições aprendidas nacionais bem estruturado? De que seria composto?

Os grupos discutiram e disseram que é preciso ter uma estrutura e ferramenta adequadas para que as lições aprendidas sejam captadas durante a missão, com base em documentação/dados históricos/pesquisa. A experiência e o conhecimento para treinar o próximo grupo (treinar os treinadores) é o ponto. Materiais com lições aprendidas poderiam ser desenvolvidos e distribuídos a todos, utilizando Equipes Móveis de Treinamento.

Pedido 4. Quais seriam bons parâmetros para avaliar o desempenho dos batalhões de infantaria? Elabore possíveis indicadores de desempenho e os meios de avaliação.

O grupo explicou que cada oficial deveria fornecer um feedback e, em seguida, fazer um teste de avaliação na área da missão (após 3 meses).

Um dos problemas é que a ONU não pagará pelo rodízio de 6 meses, apenas pelo rodízio anual. Após 6 meses, o desempenho da tropa cai baseado em muitos aspectos, como rotina, estresse, distância, relacionamento na unidade, por exemplo. Essa é a razão pela qual muitos países, incluindo o Brasil e a Índia, pagarão por esse rodízio. Como sugestão, a ONU deveria pagar pelo rodízio a cada 6 meses, se eles querem ter melhores tropas desdobradas.

5. Conclusão

O Treinamento sobre Proteção de Civis da ONU para a 6ª Reunião do Grupo de Trabalho Conjunto do IBAS foi uma grande oportunidade para falar sobre POC. De acordo com a pesquisa realizada ao final das atividades, 90% dos participantes responderam que as suas expectativas foram atendidas.

Depois de três dias de palestras e apresentações, muitos tópicos referentes à POC foram discutidos e as delegações da Índia, Brasil e Sul-Africano acordaram no seguinte:

- Equipes de Treinamento Móveis são úteis em atividades de pré-desdobramento como uma ferramenta para compartilhar experiências e transmitir conhecimento às tropas militares. Isso pode ser uma solução para alguns países, que não possuem um Centro de Manutenção da Paz ou estruturas que preparem seus contingentes.

- A ONU não tem uma capacidade real para avaliar os contingentes militares desdobrados nas missões. Os membros da equipe de Inspeção para Prontidão Operacional e o UNCT não possuem tempo ou recursos humanos suficientes para avaliar os contingentes. O TCC poderia ser a melhor opção para lidar com essa atividade.

- Os participantes não acham que o rodízio de um ano trará bons resultados para as missões da ONU. O desempenho das tropas pode diminuir devido a muitos aspectos e os países terão de pagar pelo rodízio de seis meses. O custo desse rodízio pode ser um problema para alguns países ao desdobrar seus contingentes em outros continentes. As Nações Unidas deveriam continuar a pagar por esse rodízio.

PARTICIPANTES:

COMANDANTE DO CCOPAB – Cel JOSÉ RICARDO VENDRAMIN NUNES
COORDENADOR DO WORKSHOP– CF (FN) SÉRVIO CORRÊA DA ROCHA JÚNIOR

DELEGAÇÃO DA ÍNDIA

Cel SELVARAJ MURUGESAN

Ten Cel AJAY DOGRA

DELEGAÇÃO DO BRASIL

Cel LUIS ROGERIO CID DUARTE

CMG (FN) ANDRÉ LUÍS RAMOS FIGUEIREDO SIMÕES

Cel (FAB) LUIZ GUILHERME SÁ DA SILVA

Cel (FAB) JESUS BARBOSA SOBRINHO

Ten Cel AMILTON FERNANDO BARBOSA MOLETA

Ten Cel LUIZ FABIANO MAFRA NEGREIROS

Ten Cel MÁRCIO BRAVO GONÇALVES

Ten Cel JULIO CESAR DE FRANÇA

CC (FN) RODRIGO RODRIGUES FONSECA

CC(FN) FÁBIO RODRIGUES CAVALCANTE

Maj FRANCISCO MARCELO MATOS SEREJO



DELEGAÇÃO DA ÁFRICA DO SUL

Cel KWEZI NOMPETSHENI
Cel KANTHA BOER
Cel THABO PETRUS MOTAUNG
Cel KEDIBONE PEACE MOSHOU
Cel MOTSAMAI JOHANNES RAMAKATSA
Ten Cel SINDIYA SYDNEY MPEKA
Maj JOHANNES JACOBUS SAUNDERS
Ten ZUKILE LUKANYO MAKUNGA

Relatório escrito por – Cel JOSÉ RICARDO VENDRAMIN NUNES
CC(FN) RODRIGO RODRIGUES FONSECA
Cap ANA PAULA DE ALMEIDA CARDOSO
Cap JOSÉ RENATO GAMA DE MELLO SERRANO



6th IBSA Joint Working Group Meeting
2014